



PREFEITURA DE
CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

Memórias Pretas: Narrativas Insurgentes da cidade de Campos dos Goytacazes

Orientador: Lurdes Perez Oberg

Bolsista: Bruna Soares Almeida da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

2026



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	6
MATERIAIS E MÉTODOS	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
REFERÊNCIAS	14

RESUMO

A formação dos ensinos superiores no Brasil ainda é calcada, em sua maioria, a partir da perspectiva moderna-colonial da produção de conhecimento, baseando-se em estruturas positivistas de construção do saber e no reconhecimento de epistemologias que operam a partir do epistemicídio. Assim, o apagamento de saberes não advindos de uma perspectiva branca, europeia, patriarcal é questão presente na organização do fazer acadêmico com efeitos concretos na produção bibliográfica das pessoas negras pesquisadoras nas Instituições de Ensino Superior. Diante desse cenário, a pesquisa proposta surge como desdobramento da iniciada em 2023, 'Memórias Pretas: construção e produção de memórias/epistemes na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ'. A partir das entrevistas realizadas na primeira fase da pesquisa, constrói-se as narrativas bioepistemográficas, união dos relatos recolhidos no primeiro momento da pesquisa com as implicações das pesquisadoras. Essa combinação tem como objetivo, neste projeto em tela, construir dispositivos científico-políticos de ampliação das narrativas bioepistemográficas. Seriam eles a elaboração de um livro digital com as bioepistemográficas dos pesquisadores selecionados, e a realização de um grupo de estudos que tematiza a produção de conhecimento dos autores e autoras negros da cidade. Quanto ao desenho metodológico, de natureza qualitativa, a pesquisa foi construída a partir de uma triangulação metodológica, valendo-se do uso de três ferramentas e procedimentos: revisão narrativa do material encontrado no ano passado; construção das narrativas bioepistemográficas, e realização do grupo de estudos. O livro permanece em desenvolvimento e não pode ser concluído no tempo previsto e coberto pela bolsa, no entanto o GE realizou 15 encontros, fez quatro participações em aulas e apresentou-se em sete eventos acadêmicos cumprindo o objetivo proposto.

Palavras-chave: Memória; Produção do Conhecimento; Narrativas; Epistemicídio.

INTRODUÇÃO

O Ensino Superior no Brasil, ainda hoje, parte de uma perspectiva moderna da produção de conhecimento, onde estruturas positivistas apagam saberes não advindos de uma perspectiva branca e eurocêntrica. Concordamos com Sueli Carneiro (2023) quando esta, ao analisar o processo histórico-cultural de constituição da sociedade brasileira, indica a existência de um dispositivo de racialidade que reforça a hegemonia da cultura da supremacia branca e elenca a racialidade como um domínio capaz de controlar subjetividades, produzir e sustentar relações de saber-poder hierarquizadas. Essa visão perversa categoriza os seres humanos e produz, ainda, a dicotomia dos lugares de pesquisador-objeto, sendo o primeiro sempre o detentor do saber pleno e das capacidades de apreensão do mundo, e o segundo o elemento primitivo, selvagem, a ser compreendido, categorizado e normatizado. O dispositivo de racialidade opera, então, em uma negação do ser, uma desqualificação do saber e uma destituição de poder do sujeito negro subalternizado. O movimento de apagamento de histórias e outras formas de produzir conhecimento que aqui denominamos de epistemicídio é uma realidade contundente (Carneiro, 2023). Torna-se imperativo, portanto, ao abordar a produção de conhecimento, mapear as forças em operação e dar notoriedade às marcas e localizações sociais, seja em termos de classe, gênero ou raça. Nessa compreensão, a metodologia proposta para as narrativas epistemo-biográfico dos pesquisadores e pesquisadoras é de suma relevância, não apenas possibilitando a emergência de novas narrativas, mas também promovendo a produção de saberes ancorados em contextos específicos e processos contínuos de subjetivação, os quais são invariavelmente influenciados pelos lugares sociais que ocupamos (Collins; Bilge, 2021).

Com a produção do livro digital “Memórias Negras: Conhecimento e Narrativas Biográficas de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros de Campos dos Goytacazes/RJ”, interessa facilitar o acesso às pesquisas levantadas e o compartilhamento das narrativas epistemo-biográficas construídas, ecoando conhecimentos e contextos outrora sombreados. Como efeito, promovemos as redes de pesquisa e as produções feitas nas universidades públicas e privadas do município, apostando que este movimento seja um passo em direção ao reconhecimento da relevância dessas produções e uma ação contra o epistemicídio.

A adição do grupo de estudos: “Pensamentos Insubmissos de Mulheres Racializadas” na pesquisa visa aprofundar e ampliar o conhecimento acerca da produção de conhecimento racializada dentro e fora da Universidade. A bibliografia composta pela combinação de autoras cânones e pesquisadoras campistas busca pôr em diálogo os conceitos e questionamentos do feminismo negro com a realidade do território habitado, e põe em questão os atravessamentos e singularidades da

conjuntura local. O foco nas vozes femininas se deve à particularidade da mulher negra, que enquanto “outro do outro” (Kilomba, 2019), possui constante potencial de insurgência. Apostamos, que este gesto nos ajudará a fazer ecoar os saberes – outrora esquecidos e marginalizados pelas ciências. É urgente a quebra do paradigma da neutralidade e universalidade acadêmica, pois esse movimento segue subalternizando os saberes localizados (Haraway, 2009) e implicados na construção de mundos mais afeitos às vidas múltiplas.

Ao ser submetida, a pesquisa estipulou como objetivo geral a construção de dispositivos científico-políticos de ampliação das narrativas bioepistemográficas. Como objetivos específicos foram colocados: organização das produções encontradas no levantamento bibliográfico feito no ano passado; a correlação das bibliografias e biografias atravessadas pelos marcadores sociais de raça, gênero e território, na escrita das narrativas bioepistemográficas; e a construção de ferramentas que favoreçam o acesso da produção de conhecimento das pessoas negras e a multiplicidade dessas histórias de vida. O objetivo geral foi cumprido por meio das ações do grupo de estudos, que por meio da participação em eventos, aulas, e da construção de um espaço de pertencimento dentro da universidade agiu como dispositivo anti-epistemicídio. No entanto, não fizemos a organização das produções encontradas no levantamento que configura um dos objetivos específicos, devido a uma alteração na metodologia de pesquisa.

Neste sentido, a pesquisa tem se ocupado da construção destes dispositivos científico-políticos, de relacionar experiências de racialização e produção acadêmica, e de articular a divulgação da produção teórica de pessoas negras e suas histórias de vida. Esse movimento foram pensadas partir de algumas vias principais, eram elas: a publicação do livro digital com as narrativas bioepistemográficas, a realização do grupo de estudos “Pensamentos Insubmissos de Mulheres Racializadas”, a elaboração de eventos acadêmicos, e o projeto de extensão “Povoar: Memórias Negras pela cidade”. No que tange ao livro digital, já foram concluídas as etapas de levantamento, entrevistas e registro das entrevistas, mas o processo de escrita das narrativas bioepistemográficas permanece em andamento. No total foram entrevistados 12 pesquisadores, sendo 3 homens e 9 mulheres. O grupo de estudos “Pensamentos Insubmissos de Mulheres Racializadas” realizou 15 encontros ao longo do ano. Neste período trouxemos uma das pesquisadoras entrevistadas como convidada e participamos de sete eventos acadêmicos e quatro aulas no curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Além disso, foram ofertadas 4 oficinas vivenciais tematizando racialidade, gênero, classe e território, que são outros dispositivos anti-epistemicídio, nos quais

trouxemos pessoas negras e suas histórias de vida, afirmando as interseccionalidades inscritas em seus corpos políticos, como por exemplo, a oficina sobre a Dona Ivone Lara, em que foi mostrado tanto sobre seus papéis profissionais quanto sobre suas vivências no samba. Assim as oficinas se ligam às nossas metodologias e epistemologias ao afirmar às bioepistemografias, salientando os marcadores de pessoas negras, mulheres, de classes baixas e de territórios marginalizados que são negados os direitos sociais e subjetivos em se fortalecerem em suas identidades.

Dessa maneira, acreditamos que os benefícios para o município vão além dos produtos desta pesquisa. Considerando a crescente de instituições de ensino superior em seu território, públicas e privadas, esta pesquisa poderá ter impactos profundos nas ações anti racistas dentro e fora das universidades. O esforço para a promoção desses debates e pelo rompimento dessas redes de invisibilização poderão ter efeitos significativos nos modos em que as pessoas que ocupam os espaços da universidade e, consequentemente, as políticas públicas do município, estejam mais afeitas às discussões de gênero, raça e classe e as implicações dessas relações de poder em suas práticas profissionais e acadêmicas.

REVISÃO DA LITERATURA

O Brasil é uma nação que se ergueu sobre relações marcadas pelo racismo, pela desigualdade social e pela exploração brutal e prolongada de povos originários e escravizados ao longo de quase quatro séculos. A negação da capacidade do sujeito negro de ser e de produzir conhecimento é um ato de invisibilização e, em última instância, de aniquilamento da sua existência. É imperativo expor as realidades intencionalmente sombreadas, e isso significa questionar a suposta neutralidade da ciência, ressaltando que toda investigação científica é influenciada pelo contexto em que é realizada e pelas subjetividades das pessoas envolvidas. Frantz Fanon (2008) nos recorda que a colonização não se resume à subordinação material de um povo, mas também dita os meios pelos quais as pessoas se expressam e se compreendem. Esses padrões são, inclusive, refletidos nos métodos pelos quais a ciência é concebida e praticada, evidenciando o papel do colonialismo epistemológico. Assim, toda investigação é influenciada pelo contexto em que é realizada e pelas subjetividades das pessoas envolvidas.

A cidade de Campos dos Goytacazes/ RJ, não diferente do resto do país, é marcada por uma construção histórica, econômica e social que por muito tempo foi

baseada na exploração da cana de açúcar com mão de obra escrava, tanto de pessoas negras quanto de povos indígenas. Isso, devido às tentativas de se tornar uma capital política durante o séc. XIX, fato que fomentou a criação de grandes elites campistas com fazendeiros, senhores e políticos em uma cultura fortemente permeada pela relação colonial e coronelista (Chrysostomo, 2011). No ano de 1962, com a chegada da Universidade Federal Fluminense (UFF) na região Noroeste Fluminense, foi criado o curso de Serviço Social, na cidade de Campos dos Goytacazes, inicialmente como setor regional da Escola de Serviço Social de Niterói. Teve sua sede própria adquirida apenas em 1975, consolidando a presença da UFF na região e o seu compromisso com a interiorização. O reconhecimento da comunidade e a parceria que o Departamento de Serviço Social de Campos realizou com outras instituições locais e regionais consolidaram o projeto de interiorização da UFF com a criação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional em 1999, atendendo assim a novas demandas na área do Ensino, Pesquisa e Extensão. Com a criação do REUNI em 2007 (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) propõe-se um desenvolvimento ainda maior do ensino superior na cidade, não apenas para as universidades federais, mas fazendo valer as articulações entre demais institutos de ensino superior públicas e privadas, como a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a Universidade Cândido Mendes.

Contudo, por mais de três décadas o Departamento de Serviço Social de Campos foi a única Instituição de ensino superior na região e levando em consideração a grande desigualdade social deixada como herança histórica e colonial do período escravista, nota-se que apesar de toda violência e genocídio posto nesse território a população colocada à subalternidade sempre fez resistência a suas culturas e origens. Não se deu ao acaso tamanha desenvoltura e crescimento do curso que se dispõe a atuar em prol dos direitos humanos na cidade. O Serviço Social é apenas mais uma das demonstrações das fortes resistências contra-coloniais na história de Campos, e em reconhecimento dessas lutas na bandeira da cidade foi feito o registro em latim “IPSAE MATRONAE HIC PROJURE PUGNANT”, que significa “aqui até as mulheres lutam pelo direito” (UFF, 2015).

Diante disso, apostamos, nesta pesquisa, no resgate histórico das narrativas de pessoas negras que se dedicaram e se dedicam à produção de conhecimento no município de Campos a partir não só de um levantamento e mapeamento dessas produções, mas também da escuta e compartilhamento de suas histórias de vida. Para essa junção damos o nome de epistemobiografias. Pensar as epistemo-biografias é entender a história de vida das pessoas autoras negras como indissociável da produção de conhecimento. É fazer ver que os corpos negros não produzem

conhecimento e saberes em um cenário sem atravessadores estruturais como o próprio racismo estrutural e/ou institucional, questões de gênero e sexualidade ou operadores de classe ou território, por exemplo. Se o conhecimento é produção histórica e responsiva a problemas de distintas naturezas (práticas, operacionais, teóricas), as biografias são registros dos atravessadores que fazem a vida ter sido possível ou colocada em tantas barreiras quanto às resistências necessárias.

MATERIAIS E MÉTODOS

As narrativas bioepistemográficas, termo cunhado por nós, são compostas pela junção dos relatos de autores e autoras negros entrevistados com as implicações das pesquisadoras. Trata-se de um método qualitativo, formulado a partir das postulações do feminismo negro e dos estudos decoloniais, a partir do qual afirmamos a produção de conhecimento como intrinsecamente ligada à experiência de racialização destes sujeitos. Ao unir essa afirmação com a exposição da implicação das estudantes rompemos radicalmente com o ideal da neutralidade científica imposto pela cosmologia ocidental, embranquecida e patriarcal do mundo, além de posicionar que toda pesquisa é afetada pelas vivências tanto dos pesquisadores tanto dos entrevistados. Além dos papéis estabelecidos de pesquisador e entrevistador, nossa pesquisa se direciona para horizontalidade de escuta e trocas de redes de vida, com possibilidades de espaços entre ciências e afetos.

Dessa maneira, a pesquisa dobra-se sobre si mesma, no exercício de uma experimentação metodológica que visa romper com os ideais de neutralidade da ciência positivista, focalizando não somente o produto, como também o processo de pesquisa. As histórias de vida dos autores e autoras que dão razão a pesquisa, não são recolhidas de maneira extrativista ecoando movimentos utilitários, mas são co-escritas por estes no mote da “valorização – e não essencialização – do saber do outro sobre si mesmo e sobre o mundo que experiencia ” (Bolívar Botía, 2002, apud Castro; Mayorga, 2019, p.6)

Nesta perspectiva, defendemos que toda pesquisa diz de um posicionamento ético-político. A busca por produções teóricas de autores negros a partir de plataformas como Scielo e Capes apresentou-se como obstáculo ético, visto que estas não oferecem identificação étnico-racial. Partimos do princípio da autodeclaração, e como seria inviável com nosso tempo e recursos de pesquisa entrar em contato com todos os autores encontrados nestas plataformas, decidimos fazer uso da metodologia bola de neve. Dessa forma, o contato começou na própria UFF com professores que já

conhecíamos, e a cada entrevista solicitamos indicações de colegas aos entrevistados, e assim criamos uma rede para além de metodologia científica, mas como rede em relação à ética de coletividade, partindo de um ciclo mais próximo para alcançar outros autores residentes na cidade. É fato que este método não nos garante o retrato mais geral dos pesquisadores e pesquisadoras negros da cidade de Campos/RJ, mas esta pesquisa não objetiva compreender todo um fenômeno ou retratar uma totalidade. Ela é, na verdade, um espaço de escuta e afirmação ético-política, que ao admitir sua parcialidade garante sua relevância. Estamos de acordo com Donna Haraway(1985), quando esta afirma que na dissidência não procuramos a produção de uma teoria total, mas vivemos a experiência das fronteiras.

Além do levantamento bibliográfico, a metodologia da pesquisa é composta por entrevistas semi-estruturadas e construção das narrativas bioepistemográficas, que permanecem sem alterações. As entrevistas semi-estruturadas contaram com 3 perguntas abertas tematizando o impacto da racialidade nas histórias de vida daqueles sujeitos, em sua trajetória acadêmica, e no reconhecimento enquanto produtores de conhecimento. Essas perguntas foram feitas no fito de favorecer um diálogo aberto a partir do qual poderíamos traçar as narrativas bioepistemográficas. As entrevistas semi-estruturadas já foram realizadas, mostrando-se em consonância com o aspecto epistemológico da pesquisa, que se baseia no feminismo negro e nos estudos decoloniais, enquanto as narrativas bioepistemográficas estão sendo escritas e podem ser consideradas o ponto central da pesquisa com as implicações das autoras.

A pesquisa tem como eixo central a experiência de racialização vivida por autores e autoras negras em Campos dos Goytacazes/RJ. Diante disso, o território aparece como basilar para análise destas entrevistas. A categoria território, como trabalhada neste projeto, é concebida como “espaço delimitado por e a partir das relações de poder” (Souza, 1995 apud Coca, 2014). De modo que ao tratarmos das narrativas bioepistemográficas, a cidade é colocada em questão como produtora, -e ao mesmo tempo produzida-, de violências, resistências, saberes e potencialidades.

Os procedimentos de análise estão alinhados à perspectiva ético-estético-política aqui narrada, sendo assim partimos dos pressupostos do feminismo negro e dos estudos decoloniais para o tratamento destes relatos. Levando em conta as implicações éticas e políticas no tocante a autoria de pessoas negras e a filiação a referenciais alinhados a estas perspectivas, e a escuta atenta a experiência sensível do que é ser um pesquisador negro em Campos, que mais do que escutada foi também vivida pelas alunas-pesquisadoras que compõem esse projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento da pesquisa foi marcado pela realização de entrevistas semi-estruturadas com produtores de conhecimento negros(as) situados na cidade de Campos dos Goytacazes. A partir da análise dessas entrevistas foram disparados o que temos chamado de dispositivos anti-epistemicídio, cuja ação é constituída por ferramentas que buscam ampliar o acesso às histórias de vida destes autores. O primeiro destes, efetuado ainda no ano passado, foi o I Encontro Memórias Negras. O encontro contou com uma mesa e duas oficinas compostas por alguns dos pesquisadores entrevistados, e uma atividade cultural em parceria com a Casa Afroraiz, espaço de fortalecimento da arte negra na cidade.

Na etapa atual da pesquisa, temos seguido com o desdobramento dos dispositivos anti-epistemicídio, a partir da escrita destas narrativas e da efetuação do grupo de estudos: Pensamentos Insubmissos de Mulheres Racializadas. O GE realizou 15 encontros, e sua presença no espaço acadêmico tem nos permitido observar e problematizar os diversos meios pelos quais a academia apaga e expulsa as epistemologias dissidentes. A tematização de epistemologias feministas negras é recebida com desinteresse pela comunidade estudantil, que ainda opera pelo viés de valorização de uma ciência embranquecida, ocidental e patriarcal. Nesse sentido, temos sentido na pele enquanto pesquisadoras negras o que vínhamos teorizando e escutando no primeiro momento da pesquisa.

Dentro dessa dinâmica em que se explorou a escuta e a fala, ficou claro que o interesse principal era de pessoas negras, mais especificamente mulheres negras. Com isso, houve uma certa resistência por parte de outros estudantes em participar e explorar a potencialidade do grupo, como destacado anteriormente, e isso pode ser criticado a partir da perspectiva de que o discurso sobre racialidade ainda se esgota mais entre pessoas negras do que pessoas não negras. A experiência do grupo de estudos mostra na prática os apontamentos de Sueli Carneiro(2023) acerca da branquitude quando esta afirma que a branquitude se estabelece a partir de um ideal de normalidade, para ela “branquitude não precisa se afirmar, porque a afirmação a partir do lugar do privilégio equivaleria à ruptura com o pacto de silenciamento em relação às hegemonias raciais produzidas pela brancura”(p.108). A estrutura acadêmica, pautada por esta brancura, configura um dos públicos alvos do grupo, e ainda se mostra estruturada a partir da supremacia branca não comprometida em explorar epistemologias dissidentes.

No primeiro semestre o grupo de estudos teve como tema central "Epistemologia do feminismo negro", os encontros foram realizados quinzenalmente e

tiveram como base os textos de autoras como: Patrícia Hill Collins, bell hooks e Sueli Carneiro. Já no segundo semestre, tematizamos “Coletivos Negros e Pertencimento”. Para fundamentar a discussão lançamos mão de autoras como: Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Além disso, um de nossos textos base foi escrito por uma das pesquisadoras entrevistadas na fase inicial da pesquisa, Lia Keller, que participou presencialmente do grupo de estudos, enriquecendo o debate e experiência coletiva.

Dessa forma, o grupo de estudos enquanto dispositivo epistemológico, aplicou como metodologia uma articulação das leituras com as implicações mais subjetivas dos participantes, o que produziu um ambiente que se projeta para além de leituras, mas também de implicações com a vivência, considerando esse método coerente com a bioepistemografia. Nesse sentido foi possível observar uma dinâmica de alunos interessados em compartilhar suas experiências e aqueles que não participaram a partir da fala se mostravam interessados em escutar. Isso possibilita compreender como o compartilhar envolve uma esfera de pertencimento coletivo, que se estrutura também a partir da experiência própria do sujeito.

O grupo tem se constituído como um importante espaço de pertencimento e escuta dentro do espaço acadêmico. E superou nossas expectativas ao operar enquanto dispositivo anti-epistemicídio não só ao divulgar e facilitar o acesso as produções de autores e autoras negros, mas ao propiciar um espaço seguro para que estudantes negros sejam acolhidos em suas angústias frente a postura racista da academia e possam politizar essa experiência. Também tem sido possível a partir da experiência do grupo fazer torções no pacto da branquitude (Bento, 2022) como consequência das discussões acerca da racialização do branco, e de sua retirada do posto de universal.

Quanto às bioepistemográficas, o cruzamento entre nossas experiências e os relatos recolhidos no ano passado tem se mostrado como uma virada metodológica, na qual efetuamos um constante rompimento com a perspectiva de neutralidade científica. Esse rompimento, embasado pela epistemologia do feminismo negro e pelos estudos decoloniais, coloca em cena a implicação do pesquisador e assume a parcialidade do conhecimento produzido. Nesta perspectiva, a pesquisa contempla a construção de um método de análise, escrita e ação no território que combate os ideais de universalidade ocidental com a expressão dos marcadores de classe, gênero e raça. Mesmo com os desafios postos pela complexidade metodológica desta pesquisa, além de suas preocupações ético-políticas, o projeto cumpriu seu objetivo ao articular o grupo de estudos Pensamentos Insubmissos de Mulheres Negras como importante

dispositivo anti-epistemicídio, operando a facilitação de ferramentas de acesso a produção de autores e autoras negros no território de Campos dos Goytacazes/RJ .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto alcançou seu objetivo geral de construção de dispositivos científico-políticos de ampliação das narrativas bioepistemográficas, e os objetivos específicos foram colocados: a correlação das bibliografias e biografias atravessadas pelos marcadores sociais de raça, gênero e território, na escrita das narrativas bioepistemográficas; e a construção de ferramentas que favoreçam o acesso da produção de conhecimento das pessoas negras e a multiplicidade dessas histórias de vida. A ampliação dessas narrativas foi possível a partir do encontros do grupo de estudos realizados dentro da Universidade Federal Fluminense e abertos para todo público, da participação em aulas do curso de Psicologia desta mesma instituição e o exercício da divulgação científica em diversos eventos acadêmicos, tanto no município quanto em outras localidades.

A pesquisa ainda tem a frente a publicação do livro digital com as bioepistemografias e postulações acerca da sua presença no espaço acadêmico durante estes três anos, abarcando a produção de conhecimento negra no tripé pesquisa, ensino e extensão, por meio da formulação das bioepistemografias, do grupo de estudos 'Pensamentos Insubmissos de Mulheres Racializadas', e da extensão 'Povoar: Memórias Negras pela cidade'. Além disso, almejamos dar continuidade ao grupo de estudos e expandir seu alcance para além da UFF, com a concretização de um método mais interventivo e vivencial, no fito de potencializar sua ação enquanto dispositivo anti-epistemicídio.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 3, p. 1-18, 2019.

CHRYSTOSTOMO, M. I., (2011). **Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-189qq 4Sz)**. História (São Paulo), 56-89.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. Uma revisão sobre o conceito/categoria de território. Revista de Geografia (UFPE) V. 31, No. 3, 2014

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 06 nov. 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.